

LITERATURA E ESTUDOS ANIMAIS

LITERATURE AND ANIMAL STUDIES

Angela Maria Guida¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo estabelecer uma reflexão acerca das relações entre literatura e os Estudos Animais, a partir do diálogo com produções literárias e filosóficas.

Palavras-chave: Literatura; diálogo; animal.

ABSTRACT: The present article aims to establish a reflection on the relations between literature and Animal Studies, from the dialogue with literary and philosophical productions.

Keywords: Literature; dialogue; animal.

O conflito político decisivo que governa qualquer outro conflito, é, em nossa cultura, o que existe entre a animalidade e a humanidade do homem. A política ocidental é, assim, pois, ao mesmo tempo e desde a origem biopolítica. (AGAMBEN, 2005, p. 102).

Apesar de o interesse pela questão da animalidade soar como algo recente, seja através do trabalho desenvolvido por grupos ativistas, que percorrem o mundo todo denunciando os maus-tratos contra os animais ou das pesquisas engendradas pelo novo campo de estudos denominado *Animal Studies*², que apresenta como objeto de investigação, entre outros, pensar as relações entre viventes humanos e não humanos, a verdade é que o temário da animalidade não é algo novo. Na mitologia, na filosofia, na religião, bem como, em outras áreas do saber o animal sempre foi convocado. No que diz respeito à literatura enquanto produção artística, a presença do animal remonta a épocas distantes, mas enquanto estudos de literatura, ou seja, como questão teórica, as reflexões em torno do temário da animalidade ainda se revelam incipientes.

¹ Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutora em Poéticas da Modernidade [em fase de conclusão] pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

² Este campo de investigação tem sido consideravelmente difundido na Europa e Estados Unidos. No Brasil, a UFMG vem proporcionando um diálogo bastante produtivo com esse campo de estudos, por meio de pesquisas de alunos da Pós-Graduação, publicações e eventos, como o Colóquio internacional “Animais, animalidade e os limites do humano”, realizado em maio de 2011, que integra o calendário dos eventos denominados de *pré-conferência* realizados por diversos países para a grande conferência sobre o tema – “*Minding Animals*” – que ocorrerá em julho de 2012 na Holanda.

Mas que campo de estudos é esse ao qual se denomina *Estudos Animais*? Que contribuições têm dado aos estudos de literatura? De início, é possível identificar nos diversos trabalhos que estão sendo produzidos nessa área uma linha de investigação que talvez seja o grande ganho desse campo: a interdisciplinaridade, uma vez que a referida linha de pensamento se perfaz num espaço de entrecruzamento de diferentes campos do conhecimento, como biopolítica, bioética, antropologia, etologia, estudos literários, filosofia, biologia, ecologia, entre outros. Tais estudos dialogam com diferentes perspectivas teóricas, a saber, feminismo, marxismo e especismo, sendo esse último uma importante chave para as reflexões pretendidas pelos *Estudos Animais*, pois o especismo se dá como uma relação de poder e de soberania sobre o Outro, seja esse Outro o animal humano ou o animal não humano. Trata-se de um acentuado diálogo com distintas áreas do conhecimento, logo, de um espaço híbrido de reflexões de naturezas diversas, sendo uma delas, a questão da alteridade. Importantes nomes ligados ao pensamento contemporâneo, em algum momento de suas produções literário-filosóficas, dedicaram-se ou se dedicam à questão do animal, como, por exemplo, Jacques Derrida, Giorgio Agamben e J. M. Coetzee. A professora da UFMG, Maria Esther Maciel, uma referência nos estudos de zooliteratura no Brasil, assim define os *Estudos Animais*:

Os *Estudos Animais* vem se afirmando como um espaço de entrecruzamento de várias disciplinas oriundas das ciências humanas e biológicas, em torno de dois grandes eixos de discussão: o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada animalidade e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não humanos. Torna-se, portanto, evidente a emergência do tema como um fenômeno transversal, que corta obliquamente diferentes campos do conhecimento e propicia novas maneiras de reconfigurar, fora dos domínios do antropocentrismo e do especismo, o próprio conceito de humano. (MACIEL, 2011, p. 7).

O campo de investigação e pesquisa dos *Estudos Animais* pode ser algo novo, mas o temário da animalidade, conforme já o dissemos, não o é. Cada época colocou em relevo uma ou outra abordagem do animal. Nas diferentes mitologias eram comuns os seres híbridos que ainda hoje povoam nosso imaginário, mistos de humanos e de animais, em geral, feras. Só a título de exemplo, quem não se recorda das sereias, metade mulheres, metade peixes, que tentaram seduzir Ulisses com seu belo canto ou do minotauro, cabeça de touro sobre corpo de homem que habitava o labirinto projetado por Dédalo ou dos centauros, cabeça e tronco humanos sobre corpos de cavalos ou ainda os sátiros, metade humano, metade bode. Na religião, a presença do animal data da criação do mundo. No livro bíblico Gênesis 1, após criar o dia e a noite, os animais aquáticos e terrestres são os primeiros seres vivos a povoar a Terra. Porém, já no mito da criação, é possível perceber a soberania do animal humano sobre o animal não humano, uma vez que é concedido ao homem o domínio no trato com os seres vivos que não eram de sua espécie, no caso, os

animais não humanos de toda natureza. Encontrar-se-ia presente nesse mito bíblico da criação do mundo um possível início do especismo de que tanto falam alguns teóricos, sobretudo, aqueles ligados ao ativismo? Afinal, fica evidente que uma espécie apresenta privilégios sobre a outra

Como se sabe, o que se denomina especismo é uma teoria defendida por Peter Singer, na qual o filósofo e ativista australiano argumenta que o homem usa de seu estatuto de animal superior em relação aos outros animais para justificar seu poder. E esse especismo, na visão de Peter Singer, não seria praticado apenas contra os animais não humanos, mas haveria também o especismo étnico e sexista. Ou seja, o branco usaria a cor de sua pele para se sobrepor ao negro, o homem faria uso do gênero masculino para garantir poder sobre a mulher, os países ricos e centrais usariam a condição sócio-econômica privilegiada para explorar os países periféricos, o homem branco usaria sua condição de civilizado sobre o primitivismo do índio para negar sua voz. Desse modo, o especismo dar-se-ia como uma maneira de espécies e grupos tidos como privilegiados exercerem alguma forma de domínio sobre as chamadas “minorias”. Uma afirmação de poder sobre o Outro, que tem como objetivo a tentativa de anular esse Outro. É por isso que Peter Singer não hesita em associar a questão da animalidade com outras questões ligadas ao universo característico do animal humano:

A maneira como nós os tratamos [os animais] é um assunto moral, do mesmo modo como a luta contra o racismo e o sexismo (machismo) são assuntos morais. [...] O especismo é uma ação prejudicial contra um membro de outra espécie, como o racismo é prejudicial aos membros de outras raças. Por exemplo, humanos são especistas quando dão peso menor ao sofrimento de animais não humanos do que o sofrimento equivalente em outros humanos. (SINGER, 2004, p. 9-10).

Em outras palavras, o professor Evando Nascimento também vislumbra no especismo um alargamento para além da questão humano *versus* não humano para questionamentos outros que têm sido objeto de reflexão, sobretudo, para a linha de investigação denominada *Cultural Studies*, como a reconfiguração do cânone e as oposições entre alta e baixa cultura, centro e periferia, que encontram respaldo, em especial, nos pressupostos desconstrutivistas e pós-estruturalistas. O especismo, como se pode entrever, possui claras afinidades com questões de Outridade, daí, ser um percurso natural estabelecer relações entre os dois campos de investigação literária: *Cultural Studies* e *Animal Studies*.

O “salto animal”, o verdadeiro “pulo do gato”, significaria, para mim, a possibilidade de dar a volta por cima no que se refere à tragédia colonizadora do Homem (sujeito masculino e representante máximo da espécie) sobre as demais espécies animais ou sobre as espécies do vivo, em seu limite com o não vivo. São questões graves de genre (discursivo) e de gender (antropológico, biológico, amplamente cultural). O

apossamento e a dominação que ocorrem no nível da espécie (Homem x animais e não humanos em geral) repercutem no nível do gênero (masculino x feminino). (NASCIMENTO, 2011, p. 124, grifos do autor).

Mas quando o animal passa a ser objeto de interesse humano? Não há um registro preciso, porém se sabe que na filosofia é Aristóteles, com a obra *A história dos animais*, quem faz o primeiro registro científico e de fôlego sobre a questão do animal. O filósofo Montaigne, no ensaio “Apologia de Raymond Sebond”, sob a abordagem comparativista, apresenta um rico estudo a respeito do animal, privilegiando em sua leitura vários aspectos do comportamento do animal humano e do animal não humano e, ao final, conclui que existem mais semelhanças que dessemelhanças entre essas duas categorias de animais: “Há maior diferença entre um homem e outro do que entre um dado animal e o homem” (MONTAIGNE, 2000, p. 392). Derrida caminha na direção oposta à de Montaigne. Para o filósofo da *différance*, o que está em jogo na questão da animalidade não é elencar os pontos convergentes entre animal humano e não humano, mas sim, em realçar as diferenças, uma vez que qualquer ser vivente encontra-se assinalado pelo signo da diferença. Desse modo, para dar conta de tal pluralidade e diferença, o filósofo cunha o conceito *Animot*, com o qual tenta desconstruir e/ou questionar a designação *Animal* comumente usada no singular, como uma mera oposição entre o Homem e o Animal. Repensar a pluralidade e a heterogeneidade dentro de um conceito genérico e uniformizador de Animal, seria essa a proposta contida na palavra-conceito *Animot*, que, na verdade, pode ser expandida para toda forma de binarismo que situa o mundo metafísico ocidental em dois polos bem demarcados: masculino e feminino, bem e mal, branco e negro, centro e margem, racional e irracional, oriente e ocidente e *ad infinitum*.

Gostaria que se escutasse o plural de animais no singular: não há o animal no singular genérico, separado do homem por um só limite indivisível. É preciso considerar que existem ‘viventes’ cuja pluralidade não se deixa reunir em uma figura única da animalidade simplesmente oposta à humanidade. Não se trata evidentemente de ignorar ou de apagar tudo o que separa os homens dos outros animais e de reconstituir um só grande conjunto, uma só grande árvore genealógica fundamentalmente homogênea e contínua do *animot* ao *Homo* (*faber, sapiens* ou não sei que outra coisa). Isso seria uma besteira [...]. Seria antes preciso, eu o repito, considerar uma multiplicidade de limites e de estruturas heterogêneas: entre os não-humanos, e separados dos não-humanos, há uma multiplicidade imensa de outros viventes que não se deixam em nenhum caso homogeneizar, salvo violência e ignorância interessada, dentro da categoria do que se chama o animal ou a animalidade em geral. Existem logo animais, e digamos o *animot*. (DERRIDA, 2002, p. 87-88).

Para Descartes, o filósofo da *ratio*, o animal seria um completo autômato. O autor de *Discurso do método* defendia a teoria do animal-máquina, na qual argumentava

que os animais, por não possuírem alma, consciência e linguagem assemelhavam-se a simples máquinas e, por conseguinte, não eram capazes de sofrer. Todas as reações eram instintivas e automatizadas. Com relação à questão da consciência, ainda é um campo aberto para estudos, em especial, por parte dos etólogos. No entanto, no que diz respeito à linguagem, há muito tempo já se provou o erro de Descartes. Os animais não humanos possuem sim um sistema de linguagem, sistema esse que não passa pela elaboração de palavras, mas que mesmo assim não é suficiente para asseverar que o animal não humano seja privado de linguagem. Por acreditar nessa “privação”, Heidegger afirma que o animal é pobre de mundo. A articulação de palavras é uma entre as tantas formas de manifestação da linguagem e a presença ou ausência dessa capacidade de linguagem não deveria ser uma medida para elevar o estatuto do humano em detrimento do não humano. Muito antes dos estudos desenvolvidos por etólogos e outros pesquisadores no que diz respeito à capacidade cognitiva dos animais não humanos e do desenvolvimento neles de algum tipo de linguagem, Montaigne já vislumbrava que o vivente não humano conseguia se comunicar, logo, possuía um sistema de linguagem:

Por que não falaríamos conosco? E não falamos com eles? *Quantas coisas dizemos nós aos cães, que eles compreendem e a que respondem!* A linguagem que com eles empregamos não é a mesma que nos serve para falar aos pássaros, aos porcos, aos bois, aos cavalos. *Mudamos de idioma segundo o animal a que nos dirigimos.* [...] parece-me até que Lactância atribui aos animais não somente a faculdade de falar, mas também de rir, e a diferença de línguas que se observa entre os homens, segundo sua terra de origem, igualmente se constata entre os animais de uma mesma espécie. Aristóteles cita como exemplo o canto da perdiz que varia segundo esteja em região plana ou montanhosa. (MONTAIGNE, 2000, p. 386; grifos nosso).

Na contemporaneidade, Derrida é, sem dúvida, a grande referência teórico-filosófica para se pensar a questão do animal. Decerto, foi ele quem mais de perto dialogou com a questão da animalidade, principalmente, em sua obra *O animal que logo sou*, texto que resultou de uma apresentação no colóquio de Cerisy, em 1997. Mas existem outros filósofos e teóricos de nosso tempo que também não ficaram indiferentes a essa temática tão complexa e instigante. São os casos, por exemplo, de Bataille que relacionou o “não sabido” da poesia à inacessibilidade do animal; de Deleuze que se dedicou a pensar o temário da animalidade pela via do *devir-animal*, do *devir-outro*, em que um desterritorializa o outro; de Agamben que, ao discutir a questão da máquina antropológica, revela-nos a complexidade dessa “máquina” que se sustenta num cultivo de oposições entre exclusão e inclusão, reafirmando um espaço de contradições, por exemplo, animalidade *versus* humanidade, uma vez que a máquina antropológica “produz na realidade uma condição de estado de exceção, uma zona de indeterminação na qual o fora não é mais que a exclusão de um dentro e o dentro, por sua vez, não é mais que a exclusão de um fora (AGAMBEN, 2005, p.

52).” Ou ainda Nietzsche, que fora o lendário acontecimento do cavalo de Turim³, também se mostrou sensível à questão da animalidade. Em *Assim falou Zaratustra* o profeta andarilho vive em meio aos animais e em certo momento conclui que o homem é o mais cruel de todos os seres vivos. Melhor. Que a crueldade seria um dos próprios do homem. Enfim, na filosofia temos a teorização da animalidade, teorização essa compartilhada pelos *Estudos Animais*; na literatura temos a animalidade pela via da ficção, mas que nos possibilita um vasto horizonte de reflexões em torno, talvez, do questionamento principal: o humano está perdendo sua humanidade? Ou como diz Guimarães Rosa, perdendo sua ternura?

Na literatura de todas as épocas sempre houve um considerável número de textos que dialogaram com a questão do animal, trazendo-o para o espaço da ficção de diferentes maneiras. Em Machado de Assis, temos alguns exemplos da presença do animal na ficção. Quem não se lembra do cão protagonista de *Quincas Borbas*? No conto “Miss Dollar”, a heroína do texto é uma cadelinha. Em crônicas como “Touradas”, “Reflexões de um burro”, “Direito dos burros”, “Bois”, entre outras, Machado de Assis já adiantava uma espécie de engajamento contra os maus-tratos impingidos aos animais, bem como, até certa dose de ativismo. É o caso, por exemplo, de “Touradas”, na qual critica severamente essa prática, argumentando que ela causa sofrimento ao animal e “Carnívoros e vegetarianos”, em que por meio de uma greve de açougueiros, Machado defende o vegetarianismo, que na visão do filósofo australiano – Peter Singer – é uma questão ética. “Deus criou o homem para os vegetais [...]. Comei de tudo, disse-lhe, menos do fruto desta árvore. Ora, essa chamada árvore era simplesmente carne, um pedaço de boi, talvez um boi inteiro” (ASSIS, 2005, p. 30).

Guimarães Rosa também voltou seu olhar para o animal não humano em muitos momentos de sua ficção. Não são raros os textos em que o escritor mineiro convoca bois, cavalos, onças, burrinhos e outros vivos não humanos. Em *Ave palavra* Guimarães Rosa (1985, p. 122) chega a questionar a perda de ternura do animal humano: “Se todo animal inspira sempre ternura, que houve, então, com o homem?”. No conto “Meu tio, o Iuretê” a comunhão entre animal humano e não humano é tamanha que o caçador de onças transforma-se na própria onça. “De repente, eh, eu oncei” (1969, p. 155). Com a obra *Poliedro*, o poeta Murilo Mendes igualmente imprimiu sua assinatura na zooliteratura. No capítulo intitulado um “Setor Microzoo” apresenta-nos um mini-bestiário composto por animais diversos. Em *Vidas Secas*, a questão da animalidade se dá pela presença da cachorra Baleia, que, humanizada em muitos sentidos, permite a Graciliano Ramos revelar ao humano suas misérias materiais e existenciais. Murilo Rubião nos apresenta a trágica história de Teleco, um coelhinho que vivia se metamorfoseando para satisfazer vontades

³ Argumenta-se que o episódio que teria assinalado a demência do filósofo estaria ligado a uma passagem de sua vida, em que ao ver um cavalo sendo rudemente chicoteado por seu dono, Nietzsche teria se abraçado ao pescoço do animal, episódio esse que leva Fontenay a afirmar que a questão da animalidade em Nietzsche estaria muito mais presente em sua vida que em sua obra.

alheias, porém, quando se transforma em humano, seu maior desejo, Teleco morre ao nascer na forma de uma criança.

Com seu bestiário poético, Manoel de Barros convoca o humano a não esquecer suas raízes da animalidade, num genuíno exercício poético de alteridade radical, em que o animal humano não tem primazia sobre o animal não humano, mas sim, uma relação de comunhão entre homem e natureza, entre homem e animal, ou seja, a animalidade na poética de Manoel de Barros não se limita ao meramente simbólico e alegórico. Como bem observa Evando Nascimento (2011, p. 132), “O pensamento da relação homem-animal é o pensamento do limite, das zonas fronteiriças e da impossibilidade de separar completa e simetricamente esses dois blocos”. É essa impossibilidade de separação entre homem-animal, homem-natureza que podemos vislumbrar na poética da animalidade presente em tantos poemas de Manoel de Barros. Todos os seres, mesmo diferentes entre si, estão de alguma forma em comunhão. O poeta dá voz, não no sentido fabulesco, a animais e seres comumente tidos como insignificantes: lesmas, insetos, caramujos, formigas, cigarras, lagartixas, pois na natureza não há lugares demarcados e privilegiados, embora a noção de cultura e de sociedade civilizada tenda a sugerir o contrário. Um besouro na poética de Manoel de Barros definitivamente não é um simples besouro. Pelo contrário. O encontro com o besouro é um encontro com a alteridade radical, que desperta no humano uma abertura para se pensar o lugar do Outro, do Outro absoluto. O filósofo Martin Heidegger (2006, p. 234) argumenta que “para chegarmos até o outro, precisamos nos sentir no outro”. O homem se sente no besouro, por isso o “olhar ajoelhado” do pequeno ser não é indiferente a ele.

Quando houve o incêndio de latas nos fundos da Intendência,
o besouro náfego saiu caminhando para alcançar
meu sapato (e eu lhe dei um chute?)

Parou no ralo do bueiro, olhoso, como um boi que
botaram no sangradouro dele

(Integrante: não sei de onde veio nem de que lado de mim entrou esse besouro. Devo ter maltratado com os pés, na minha infância, algum pobre-diabo. Pois como explicar o olhar ajoelhado desse besouro?) (1998, p. 13).

Clarice Lispector, a exemplo de Manoel de Barros, também confere contornos de subjetividade ao animal não humano. Sua obra é fortemente assinalada pela presença da animalidade, mas sem acorrentar o animal as mais distintas representações simbólicas e alegóricas. Nos textos da autora de *Água viva* não há a colonização do animal humano sobre o animal não humano, não há a subjugação do “completamente Outro”, mas tão-só uma relação de proximidade entre seres viventes. No entanto, cabe lembrar que essa proximidade não é sinônimo de semelhança no sentido mais limitado do termo. Ao contrário, trata-se de uma proximidade que se dá pela diferença e não pelo apagamento dela, ou seja, uma identidade que se constrói na

alteridade. Clarice Lispector soube, como poucos, atar essas duas pontas. Vejamos, por exemplo, o conto “Tentação” em que a autora nos narra a história de uma menina ruiva que se sentia diferente devido à cor ruiva de seus cabelos. “Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária” (1998a, p. 46). No entanto, certo dia, ao sair à rua, vê um cão de pelo vermelho, um “*basset ruivo*”. No animal não humano ela encontra seu *dever-outro*, encontra sua identidade ao se deparar com a alteridade radical do animal. “Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos. Que foi que disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram (1998a, p. 47). A menina não se transforma no cão, ela se reconhece no cão, porque sentir-se no Outro não significa transformar-se no Outro, mas sim, reconhecer-se no Outro. Em “O crime do professor de matemática,” a narrativa parte do episódio do enterro de um cão e o texto de Clarice, uma vez mais, possibilita-nos uma profunda reflexão acerca da alteridade pela via do animal não humano:

[...] Eu começava a compreender que não exigias de mim que eu cedesse nada da minha (natureza) para te amar [...]. Era no ponto de realidade resistente das duas naturezas que esperavas que nos entendêssemos: Minha ferocidade e a tua não deveriam se trocar por doçura: era isso o que pouco a pouco me ensinavas, e era isso também que estava se tornando pesado [...]. De ti mesmo, exigias que fosses um cão. De mim, exigias que eu fosse um homem. (LISPECTOR, 1998b, p. 122).

“O búfalo” é outro conto de Clarice em que a complexa relação homem-animal encontra-se delineada sob um olhar que não enaltece o estatuto do humano em detrimento do não humano. Tal relação está reconfigurada sob um olhar que, de alguma forma, desperta no animal humano uma inquietude que o convoca a pensar sua condição de humano. Decepcionada com o fim de um relacionamento amoroso, a personagem humana de “O búfalo” vai ao Jardim Zoológico na esperança de que com os animais conseguisse o aprendizado do ódio, no entanto, a mulher se depara com cenas que não exprimem qualquer ódio, muito pelo contrário, são cenas carregadas de amor e de afeto. “Mas isso é amor, amor de novo, revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio mas era primavera e dois leões se tinham amado. [...] Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar (LISPECTOR, 1998b, p. 126).” Entre tantas possibilidades de leitura da figura do animal na obra de Clarice, Evando Nascimento destaca também um caráter “desfigurante” dessa presença do animal. Argumenta Evando (2011, p. 135):

[...] desfigura nossos pré-conceitos para com os animais e para com a diferença em geral. Tendemos a rebaixar tudo o que não acreditamos servir como espelho: os animais, as mulheres, os índios, os negros e todos os grupos étnicos classificados como “minorias”, minorizados, portanto, ainda quando constituem efetivamente maioria em determinadas sociedades. Ou seja, desqualifica-se tudo o que a cultura *jalogocêntrica* quer excluir de seu sistema de valores ou no

máximo incluir como força operante, operária e submissa, em suma, assujeitada [...]. O bestiário ficcional clariciano promove um abalo em certa tradição metafísica, permitindo pensar o que ficou como resto inaproveitável da história e da filosofia. Com Clarice, a palavra pensamento perde sua condição exclusivamente filosofante para ser um dado do sentimento-experiência que a proximidade com os bichos, por exemplo, possibilita. (grifos do autor).

Como se pode notar, seja na literatura, filosofia, teoria ou qualquer outro mecanismo de exercício de pensamento crítico, as reflexões que se propõem ao diálogo com a questão da animalidade/humanidade não fazem outra coisa senão revelar a crise por que passa o homem em todos os sentidos. Crise quanto a sua subjetividade, identidade e, por que não, quanto ao seu estatuto de humano. Muitos dos questionamentos trazidos pelos Estudos Animais são, na verdade, uma busca para se tentar entender o que é o humano pela via de sua alteridade radical, no caso, o animal não humano, como podemos entrever nas palavras de Derrida (2002, p.18 e 29): “Quem sou eu então? Quem é este que eu sou? A quem perguntar, senão ao outro? E talvez ao próprio gato? [...] Completamente outro, mais outro que qualquer outro, [...] quando este me olha nu, no momento em que me apresenta a mim mesmo, de mim a ele”. Questionar os limites, pensar nas zonas fronteiriças da linguagem, abrir-se ao completamente outro, independente da forma que possa ter, seja ela animal, mulher, negro, índio ou tantas outras. Esses são alguns dos questionamentos que vislumbramos a partir do temário da animalidade, objeto de investigação dos *Estudos Animais*. Não há dúvida de que representa um desafio, sobretudo, para os estudiosos de literatura e, por conseguinte, daqueles que exercitam o pensamento crítico. No entanto, desafio e crise podem também sinalizar a chegada de tempos novos. Quiçá tempos de “pegar na voz de um peixe”.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Lo abierto: el hombre y el animal*. Valencia: Pre-Textos, 2005.
- ASSIS, Machado. *Fuga do hospício e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2005. (Coleção Para Gostar de Ler 26).
- BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- HEIDEGGER, Martins. *Os conceitos fundamentais da metafísica*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. Tentação. In: _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a. _____. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.
- MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011, p.7-9.

MONTAIGNE, Michel. Apologia de Raymond Sebond. In: _____. *Os pensadores*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 2000. v. 1, p. 370-504.

NASCIMENTO, Evando. Rastros do animal humano – a ficção de Clarice Lispector. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. p. 117-148.

SINGER, Peter. Fazenda modelo. *Revista Cult*, ano VII, n. 86, p. 8-11, nov 2004.

ROSA, Guimarães. *Ave palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Estas histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.